



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VANDA LÚCIA DE OLIVEIRA

**A ANGÚSTIA DE UM PRESO:
UM CÁRCERE DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA RETRATADA NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

Mossoró
2021

VANDA LÚCIA DE OLIVEIRA

**A ANGÚSTIA DE UM PRESO:
UM CÁRCERE DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA RETRATADA NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Pós-Dra. Leila Maria de Araújo Tabosa

Mossoró
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48a Oliveira, Vanda Lúcia de
A angústia de um preso: um cárcere da própria
consciência retratada na obra de Graciliano Ramos. /
Vanda Lúcia de Oliveira. - Mossoró, 2021.
38p.

Orientador(a): Profa. Dra. Leila Maria de Araújo
Tabosa.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação
em Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte.

1. Graciliano Ramos. 2. Angústia. 3. Revolução de
30. I. Tabosa, Leila Maria de Araújo. II. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

VANDA LÚCIA DE OLIVEIRA

**A ANGÚSTIA DE UM PRESO:
UM CÁRCERE DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA RETRATADA NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof^a. Pós-Dra. Leila Maria de Araújo Tabosa - UERN
Orientadora

Prof. Dra. Josefa Francisca Henrique de Jesus - UERN
Examinador(a)

Prof^a. Ma. Maria Aparecida Almeida Rego - IFESP
Examinador(a)

Dedico a minha família, meu alicerce. A meus pais e meu filho (póstumos).

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus que possibilitou a realização desse sonho e me mostrou que nunca é tarde, que devemos acreditar na nossa capacidade mesmo diante das dificuldades, das atribulações, pois quando o mundo parecia me dizer: “desista, você não é capaz”, Ele chegava e sussurrava no meu ouvido: “segue em frente filha, você é capaz! Eu estou do seu lado, segurando sua mão”.

À minha orientadora, Pós-Dra. Leila Tabosa, gratidão por ter acreditado em mim, por me fazer enxergar uma capacidade que muitas vezes eu desacreditei, possuindo o dom de usar a palavra certa, na hora certa. Gratidão pela paciência, dedicação, pela força e pelas palavras de carinho e incentivo, por ser esse exemplo de inquietação intelectual admirável, de uma sabedoria desmedida. Agradeço à Ana por ter colocado você no meu caminho, a realização desse sonho não seria possível sem as suas contribuições e sua sapiência. Leila, gratidão por tudo, por me abrir os olhos e me fazer acreditar na minha capacidade.

À professora mestra Ana Remígio, gratidão por tudo, por ter esse coração enorme, com esse poder de conhecer a alma de quem está à sua volta e só com o olhar, conseguir perceber quando estamos precisando de uma palavra amiga. Ana, obrigada por existir, por ter sido minha mestra, agradeço a UERN por ter me possibilitado nessa jornada acadêmica, a honra de ter conhecido uma pessoa iluminada como você.

Aos meus pais, que não estão mais nesse mundo material, mas tenho toda certeza do mundo que durante toda essa jornada estiveram ao meu lado, me apoiando, enxugando minhas lágrimas nos momentos difíceis e quando eu levantava e continuava, eram eles que seguravam minha mão e me levantavam. Nos momentos felizes, após cada período concluído, estavam vibrando e comemorando comigo minha vitória. Pai, mãe, essa conquista não é só minha, é nossa! Dedico a vocês e tenho a certeza que vocês estão se sentindo tão felizes e realizados quanto eu.

A meu filho, Jefferson, meu amor, meu anjo lindo que está com Deus e tenho certeza que durante todo esse tempo esteve presente, me transmitindo energia positiva, olhando por mim junto à “vô” e “vó”. Queria tanto que você estivesse aqui meu amor, compartilhando desse momento comigo, orgulhoso da mãe. Mesmo não

o vendo, sinto-o ao meu lado, todos os dias, em todos os momentos da minha vida!
Te amo, meu príncipe lindo!

À minha filha, Katariny, meu amor, minha benção, minha parceira de todas as horas, que me incentivou e me apoiou desde o início, compartilhando comigo todos os momentos dessa jornada acadêmica, suportando minha ansiedade nos momentos difíceis e comemorando comigo cada semestre concluído.

Aos meus irmãos, irmãs, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, minha família, a maior riqueza que meus pais me deixaram, gratidão por tudo!

Aos amigos que a UERN me proporcionou, pois tive a sorte de fazer parte da melhor turma. Às lindas: Camila, Vaneska, Bonieria, Bia, Ruthe, Beatriz, Brenna, Welly, Rita, vocês são maravilhosas. Ao amigo querido, Luiz Carlos que foi o primeiro a me acolher, sempre me ajudando e incentivando quando eu pensava em fraquejar, gratidão por tudo! Flainine uma querida do meu coração. Thacymara, Jailma, Lucas e Luriano, meu quarteto que quero levar pra vida, amigos de todas as horas e que têm um lugar especial no meu coração. Agradeço a Deus por ter colocado vocês na minha vida.

Uma enorme gratidão a minha banca examinadora. Professora Doutora Josefa, minha querida, por quem tenho um enorme carinho e admiração. Sempre acolhendo a todos com esse coração gigante. Grata por me proporcionar a honra de tê-la como componente da minha banca examinadora.

À professora mestra Maria Aparecida, gratidão pela gentileza, disponibilidade e também pela honra de tê-la como componente da minha banca examinadora. Grata pela generosidade ao aceitar contribuir com minha formação acadêmica.

“Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos”.

Graciliano Ramos

RESUMO

A obra *Angústia* de Graciliano Ramos, escrita no período do Modernismo brasileiro é uma narração de cunho autobiográfico sob a imagem e vivência do personagem principal, Luís da Silva: um funcionário público e escritor frustrado imerso em um eterno sentimento de angústia, ou seja, um certo Graciliano Ramos. Livro escrito no contexto da chamada “Revolução de 1930”, porém, considerada por outras vertentes críticas como o golpe de 1930. Utilizamos o termo golpe, pois a partir das leituras feitas, compreendemos aquela realidade política e contextual como golpe. *Angústia*, romance escrito em 1936, ano que Graciliano Ramos esteve preso, acusado (sem provas) de ser militante comunista. Diante desse panorama brasileiro, o presente trabalho apresenta uma análise do contexto literário no processo de composição da obra, além da análise literária. Para isso, utilizaremos as compreensões teóricas de autores e críticos literários como Antonio Candido (2006), Alfredo Bosi (1994), Boris Fausto (1993) e Jessé Souza (2017; 2018). Com base nos apontamentos e investigações desses reconhecidos estudiosos, buscaremos junto com uma leitura analítica da obra *Angústia*, investigar o acontecimento do golpe retratado em sua narrativa sob uma perspectiva literária e social. Esta obra pode agregar pontos de observação com a realidade contemporânea, já que possui uma aproximação com o contexto atual, que passa por situação similar. Graciliano Ramos, em sua obra, retrata a sociedade brasileira de quase um século atrás, usando sua crítica para generalizar o retrato da nossa nação. O presente trabalho pretende mostrar a importância da ficção de Graciliano Ramos para a contemporaneidade na atual situação político-econômica do país.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Angústia*. Revolução de 30.

ABSTRACT

The work *Angústia* by Graciliano Ramos, written during the Brazilian Modernism period, is an autobiographical narrative about the image and life of the main character, Luís da Silva: a public agent and frustrated writer immersed in an endless feeling of anguish, like Graciliano Ramos himself. The book was written on the context of the so-called “1930 Revolution”, however, it is considered by other critical aspects as the 1930 coup. We used the term coup, since after our readings we understand that contextual and political reality as a coup. *Angústia*, a novel written in 1936, the year when Graciliano Ramos was in jail, accused without evidences of being a communist militant. In view of this Brazilian panorama, this paper introduces an analysis of the literary context on the work composition process, in addition to the literary analysis. Thereunto, we will use the theoretical comprehensions of literary authors and critics such as Antonio Candido (2006), Alfredo Bosi (1994), Boris Fausto (1993) and Jessé Souza (2017; 2018). Based on the appointments and investigations of these known theorists, along with an analytical reading of *Angústia*, we intend to investigate the events of the coup pictured on his narrative under a social and literary perspective. This work may aggregate points of observation with the contemporary reality, since it has an approximation with the current context, which faces a similar situation. Graciliano Ramos, in his work, pictures a Brazilian society from almost a century ago, using his criticism to generalize a portrait of our nation. This paper intends to show the importance to contemporaneity on the current political-economic situation of the country.

Keywords: Graciliano Ramos. *Angústia*. The Revolution of 30.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A ESTÉTICA DE GRACILIANO RAMOS NA OBRA <i>ANGÚSTIA</i>.....	14
2.1 O Contexto literário no Modernismo brasileiro.....	14
2.2 A angústia de um cárcere nos anos 30.....	15
3 GRACILIANO RAMOS, A <i>ELITE DO ATRASO</i> E A CLASSE MÉDIA BRASILEIRA.....	21
3.1 <i>Angústia</i> e <i>A Elite do Atraso</i>.....	21
3.2 <i>Angústia</i> e <i>A Classe Média no Espelho</i>.....	27
3.3 A angústia de um preso na sociedade brasileira dos anos de 1930.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar a obra *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos no contexto do golpe de 1930, buscando identificar elementos sociais e políticos na narração literária. Desta forma, pretendemos estudar politicamente o Brasil dos anos de 1930, com ênfase no golpe de Getúlio Vargas, sob a visão de Fausto (1993). Para tanto, intencionamos pesquisar dados biográficos de Graciliano Ramos, através de informações coletadas de escritores reverenciados, como Bosi (1994) e Candido (2006) com foco no fato de ele haver sido um preso político, como declara Fausto (1993) na obra *A Revolução de 30* e, também, analisar a obra *Angústia* com atenção especial aos personagens Luís da Silva e Julião Tavares.

Partindo da hipótese de que Graciliano Ramos foi um preso político nos anos de 1930 e que o livro *Angústia* fora publicado enquanto o autor estava no cárcere, esta obra pode revelar relações entre seu contexto de criação e sua estética. Como aponta Bosi (1994), em março de 1936, Graciliano Ramos foi preso enquanto exercia o cargo de Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas, acusado de ser militante comunista, mesmo sem provas e sem processo, visto que a acusação formal nunca chegou a ser feita, permaneceu o escritor em cárcere até janeiro do ano seguinte.

Ainda de acordo com Bosi (1994), Graciliano Ramos continuou a escrever e a publicar, passando a ser consagrado como o maior romancista brasileiro depois de Machado de Assis. Embora Graciliano Ramos tenha publicado outras obras mais famosas como *Vidas Secas* (1938) e *São Bernardo* (1934) escolhemos *Angústia*, publicado em 1936, romance lançado quando o romancista ainda se encontrava preso, na chamada “Revolução de 30”, por suas particularidades contextuais e políticas. A obra retrata um momento social, político e literário do Brasil que precisa ser relido. Quase 100 anos após sua publicação a obra traz elementos sociais e políticos que necessitam ser analisados e compreendidos mediante a narração literária.

Esta monografia toma por base de estudos o momento historiográfico de escritura da obra de Graciliano Ramos, os anos de 1930, percorrendo o Modernismo e o contexto de criação da obra em *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi e em outras referências ao longo da escrita da monografia. Faremos

uso também da fortuna crítica a exemplo de *Ficção e Confissão* de Antonio Candido (2006) para consultar o lugar que ocupa *Angústia* na referida fortuna crítica, além de outros estudos em bancos de teses, capítulos de livros e revistas, a exemplo do estudo de Robson dos Santos (2004).

Em *Ficção e Confissão*, a obra *Angústia* ganha algumas considerações de Antonio Candido no que se refere ao contexto literário e ao personagem. Nas palavras de Candido, o livro transmite um clima de opressão criado pelo romancista para um personagem que se sente acuado e amargurado, transformando-se em um frustrado violento, imerso em sua inquietação. Ao comentar sobre a obra, o estudioso explana sua crítica,

É um livro fuliginoso e opaco. O leitor chega a respirar mal no clima opressivo em que a força criadora do romancista fez medrar o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira - Luís da Silva. Raras vezes encontraremos na nossa literatura estudo tão completo de frustração. Como efeito, Luís não é um frustrado como Bento Santiago, o professor Jeremias ou Belmiro Borba - que se envolvem numa cortina de ironia, mediocridade cética ou lirismo. Mas um frustrado violento, cruel, irremediável, que traz em si reservas inesgotáveis de amargura e negação (CANDIDO, 2006, p.47).

Com base nesse trecho que retrata um clima repressivo e os dramas de Luís da Silva para as quais apontam Candido, esta monografia visa aproximar *Angústia* do drama vivido por Graciliano Ramos e do contexto literário referido pelo crítico literário. Ao comparar Luís da Silva a outros personagens também considerados frustrados, das obras de Graciliano Ramos, Luís da Silva apresenta outras características além de frustração: a violência e a amargura, levando-o a cometer um crime. Contudo, para uma melhor compreensão, faremos um breve cotejamento da obra *Memórias do Cárcere*, publicada em 1953, após a morte de Graciliano Ramos, retratando o período em que o escritor esteve preso em 1936, vítima daquele contexto político dos anos de 1930. Candido faz uso das expressões: “fuliginoso e opaco”, ou seja, um livro sombrio, retratando o clima opressivo presente no momento da sua criação e do personagem Luís da Silva, envolto em frustrações e negação ao se sentir oprimido. Assim, o personagem narrador não se caracteriza apenas como um frustrado, desiludido, mas sim, um frustrado violento e cruel diante de uma sociedade tirana que o humilha e o oprime.

A fortuna crítica de Graciliano Ramos com romances lançados nos anos 1930, bem como na segunda metade do século XX, evidencia as tensões da nova

literatura brasileira modernista dos anos 1920 pós semana de 22 e inaugura o realismo crítico. Graciliano – crítico literário por convicção – produziu textos que acendem o papel da crítica na história literária. Conforme atenta Antonio Candido (2006, p.94) para o fato de que “a morte dos valores é surdamente desejada em sua obra, o estrangulamento de Julião Tavares é de algum modo símbolo do desejo de liquidá-los”.

De acordo com Santos (2004) o cenário do romance *Angústia* é a sociedade burguesa, onde dominam os astutos e os medíocres, resultando nas desigualdades humanas, imoralidades e injustiças. Luís da Silva considera essa sociedade culpada pela falta de maiores perspectivas na sua existência extinta. Na ânsia de libertar-se das barreiras asfixiantes, ele é dominado pela ideia fixa da vingança matando aquele que seria o seu rival, Julião Tavares, o inimigo burguês e privilegiado, imagem de tudo que ele odeia.

Para uma melhor compreensão do contexto social e político da época, faremos uso de um clássico da historiografia brasileira, a obra *A Revolução de 1930*, de Boris Fausto (1993). Para Fausto, a revolução de 30 seria o desenlace de uma subversão interna de uma oligarquia consolidada por movimentos militares divergentes que visavam pressionar a burguesia de São Paulo, na época, a burguesia cafeeira, com o intuito de obter concessões. (FAUSTO, 1993).

A metodologia aplicada na realização deste trabalho será a bibliográfica e analítica, pois especifica a relevância do escritor Graciliano Ramos no contexto literário da chamada geração social de 30, analisando o personagem Luís da Silva, que diante de uma sociedade capitalista acaba sufocado em uma prisão interior, um cárcere da própria consciência. No intuito de se libertar dessa sociedade que o oprime, acaba matando Julião Tavares a quem acaba desferindo todo desprezo e ódio.

Esta monografia está dividida em: “Introdução” apresentando nossos objetivos e referencial teórico. O segundo capítulo intitulado “A estética de Graciliano Ramos na obra *Angústia*”, tendo como subtítulos “O contexto literário no Modernismo brasileiro” e “A angústia de um cárcere nos anos 30”. No terceiro capítulo tendo como título “Graciliano Ramos, *A Elite do Atraso* e a classe média brasileira”, com subtítulos “*Angústia* e *A Elite do Atraso*”, “*Angústia* e *A Classe Média no Espelho*” e “A angústia de um preso na sociedade brasileira dos anos de 1930”.

2 A ESTÉTICA DE GRACILIANO RAMOS NA OBRA *ANGÚSTIA*

Graciliano Ramos, escritor brasileiro, considerado por Candido (2006) como um dos maiores escritores da nossa literatura, adentra em *Angústia* trazendo para reflexão problemas sociais e políticos do período em que o romance foi escrito, segundo Bosi (1994), período esse também em que o escritor esteve preso por quase um ano. A obra *Angústia* fora publicada originalmente em 1936 no momento do Modernismo brasileiro.

2.1 O Contexto literário no Modernismo brasileiro

O Modernismo no Brasil perdurou de 1922 a 1960, aproximadamente, e, por essa razão, foi dividido em três fases, também conhecidas como gerações, segundo Bosi (1994) a primeira geração modernista, é considerada a fase dita heroica do Modernismo (de 22 a 30). Ademais, de acordo com os apontamentos de Fausto (1993) logo após o final da Primeira Guerra Mundial, a partir do referido período, a estrutura econômica no país que tinha como base a monocultura cafeeira, tornou-se bastante vulnerável, visto que o café era o único produto de exportação. O Modernismo brasileiro, caracterizado pela liberdade estética e a crítica social, vivia um cenário de insatisfação com a política vigente. Ainda de acordo com Fausto (1993, p.19), a época era baseada na “política do café com leite”, expressão usada para apontar as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, os estados mais influentes da época, período esse que os grandes fazendeiros paulistas e mineiros alternavam no poder.

A segunda geração modernista, iniciando em 1930 permanecendo até 1945 segundo o crítico, “Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna” (BOSI, 1994, p.444). A crítica à realidade social brasileira é uma das características principais da segunda fase modernista, traço marcante nas obras de Graciliano Ramos. A crítica surge na obra do célebre escritor através de seus personagens, como aponta Bosi “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem o outros, nem a si mesmo” (BOSI, 1994, p.402). Assim, é possível

associar a afirmação de Bosi à obra *Angústia* especificamente ao personagem Luís da Silva, um homem tomado por aversão ao mundo, aos outros e a si. Assim, quanto à terceira fase do Modernismo, o escritor explica que, “A partir de 1950/55, entram a dominar o nosso espaço mental o tema e a ideologia do desenvolvimento” (BOSI, 1994, p.444).

O livro *História Concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi, tendo sua primeira edição publicada em 1970, possui sua relevância no contexto da historiografia da literatura brasileira. O livro trata da história da literatura no Brasil, abordando todos os períodos literários brasileiros. No capítulo VIII, dedicado ao Modernismo e ao Brasil depois de 1930, o crítico literário cita Graciliano Ramos, entre outros escritores como: “escritores que amadureceram depois de 1930: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade...” (BOSI, 1994, p.384).

Para Bosi (1994), o romance brasileiro moderno de 30 pode ser distribuído em, pelo menos, quatro tendências, seguindo o grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo classificando-os como: a) romances de tensão mínima; b) romances de tensão crítica; c) romances de tensão interiorizada; d) romances de tensão transfigurada. Quanto aos romances de tensão crítica, Bosi conceitua como a oposição e resistência do herói às pressões da natureza e do meio social, mesmo que o seu mal-estar permanente se estabeleça ou não em ideologias explícitas, citando como exemplo, todo Graciliano Ramos: “Graciliano introjetou o seu *não* à miséria do cotidiano em *Angústia* depois de ter escrito o que chamamos de tensão crítica” (BOSI, 1994, p.392). Bosi (1994) ensina que a questão da literatura problematizada em *Angústia*, foi uma maneira encontrada pelo próprio Graciliano Ramos para internalizar, através de Luís da Silva, a sua inquietação com relação aos rumos de uma literatura e de uma realidade que caminhava velozmente ao declínio.

2.2 A angústia de um cárcere nos anos 30

Ficção e Confissão, obra na qual Antonio Candido reúne quatro ensaios que escreveu sobre Graciliano Ramos, traz sua contribuição crítica e conclui afirmando que *Angústia* é um livro mal escrito, porém, reconhece o clima de tensão que

percebe na leitura da obra, tensão essa da qual é vítima Luís. Para o crítico literário, “o livro é fuliginoso e opaco, transmitindo um clima opressivo ao leitor”, concluindo que “o personagem Luís é um frustrado violento, cruel, irremediável com reservas de amargura e negação” (CANDIDO, 2006, p.47).

Candido verifica em *Angústia* uma certa semelhança de cunho biográfico, do romancista brasileiro Graciliano Ramos, presente no monólogo interior da angústia do personagem Luís da Silva e uma certa ambiguidade em sua estrutura. Para o crítico literário, a obra representa a projeção pessoal de Graciliano Ramos, como suas frustrações e de tudo que lhe foi machucado e represado, além do ódio ao burguês,

Assim, parece que *Angústia* contém muito de Graciliano Ramos, tanto no plano consciente (pormenores biográficos) quanto no inconsciente (tendências profundas, frustrações), representando a sua projeção pessoal até aí mais completa no plano da arte. Ele não é Luís da Silva, está claro; mas Luís da Silva é um pouco o resultado do muito que, nele, foi pisado e reprimido. E não é difícil perceber que deu a Luís da Silva algo de muito seu: a vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda mais profundas (CANDIDO, 2006, p.61).

Segundo Candido, talvez fosse possível encontrar, pelo menos em parte, uma explicação sexual para a mente confusa de Luís da Silva, citando do livro três aspectos sexuais do seu abafamento. O personagem e narrador Luís da Silva recobra do passado apenas momentos de solidão e humilhação, desde a ausência do amor paterno até as frustrações sexuais. Nas lembranças da infância narradas pelo personagem, o romance traz um outro período histórico, visto que se passa em meados de 1900, ou seja, nos primeiros anos da abolição dos escravos, “Eu andava no pátio, arrastando um chocalho, brincando de boi. Minha avó, sinhá Germana, passava os dias falando só, xingando as escravas, que não existiam” (RAMOS, 2013a, p.12). Dando sequência, destaca Candido:

Na infância, foi o isolamento imposto pelo pai, a solidude na qual se desenvolveram os sonhos e os germes da inadaptação. “Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só” [...] Sonhos e desejos, acumulados na infância, não se libertam na mocidade. Pobre, vagabundo, humilhado, Luís vive sem mulheres, represando luxúria; em consequência, “o amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta. [...] Finalmente, quando encontra Marina, vem Julião Tavares e a carrega, deixando-o na angústia maior do ciúme, Essa tensão dramática do sexo reprimido percorre quase todas as páginas. Luís tem a obsessão da intimidade dos outros. Fareja safadezas, vê em tudo manifestações eróticas e vestígios de posse, [...] o problema do recalque e o consequente

sentimento de frustração estão marcados por três símbolos fálicos: as cobras da fazenda do avô, os canos de água de sua casa e a corda com que enforca Julião (CANDIDO, 2006, p.51-52).

Em sua vida considerada insignificante, em um período marcado por dificuldades e sem êxito profissional, o personagem busca em seu passado algo que justifique a confusão interior provocada pelo noivado fracassado com Marina, recobrando apenas lembranças frustradas de si mesmo. Todo contexto narrado pelo personagem é oprimido pela sociedade, a frustração vivida por Luís sugere um tom de ressentimento que o acompanha desde a infância à vida adulta. A angústia de Luís acaba generalizada em ódio por Julião Tavares, referindo-se a ele como: “Um sujeito gordo, vermelho, suado, bem-falante, de olhos abotoados” (RAMOS, 2013 p.90), a expressão “bem-falante” usada pelo personagem remete à sociedade burguesa, por quem o mesmo tinha deveras repúdio.

Sob o ponto de vista da análise da personalidade, focalizada em *Ficção e Confissão*, *Angústia* é a história de um frustrado, tímido e solitário em meio ao caos do seu tempo, dotado de um poder mórbido de autoanálise, que o faz, em consequência, desenvolver um nojo impotente dos outros e de si. De acordo com Candido (2006), na obra *Angústia* sentimos clara a atitude de rejeição consciente da sociedade, condicionada por tantas reminiscências e impulsos profundos que pode falar em "autobiografia virtual", mais ou menos no sentido de autobiografia de recalques, declarando que:

A experiência da vida social levou-o à mencionada repulsa pelas normas, incompatibilizando-o com a sociedade que elas regulam. [...] A adesão representa precisamente aspiração a uma sociedade refeita segundo outras normas, e portanto completa de modo coerente a sua negação do mundo, indicando que ela era, na verdade, negação de um determinado mundo - o da burguesia e do capitalismo. [...] A morte dos valores burgueses é surdamente desejada em sua obra [...] o estrangulamento de Julião Tavares é de algum modo símbolo do desejo de liquidá-los (CANDIDO 2006, p.94).

Diante de uma vida pouco significativa, sem êxito profissional, seguida de frustrações tanto na vida pessoal quanto profissional, Luís da Silva, um escritor e funcionário público, gasta seus poucos vinténs com o enxoval para o casamento com Marina que o troca por Julião Tavares, membro da elite alagoana. Diante da traição de Marina, o personagem acaba se sentindo acuado pela força do dinheiro e do poder focando todo seu desprezo e repúdio a Julião Tavares, “sujeito gordo,

vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor” (RAMOS, 2013a, p.43). Em outros momentos da obra, o personagem expressa sua angústia, sua revolta à sociedade: “o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes” (RAMOS, 2013a, p.09). Como aponta Candido, “Na realidade, nojo, inércia e desespero são características de Luís da Silva, mas se estendem por todo o livro porque ele assimila o mundo ao seu mudo interior” (CANDIDO, 2019, p.50). Submerso e imerso em um monólogo interior¹, narrador e personagem vivem em um cárcere da própria consciência. Ainda, segundo o crítico literário, a narração é autobiográfica possibilitando ao leitor observar uma verossimilhança entre o escritor e o personagem Luís da Silva, sustentando que,

Nesta narração autobiográfica, um dos traços mais constantes é o sentimento de humilhação e de machucamento. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda parte, recordações doídas de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. Talvez porque ante a sensibilidade do narrador as circunstâncias banais da vida avolumassem como outras tantas brutalidades. Em casa, na rua, na escola, vê sempre um indefeso nas unhas de um opressor. A priminha, Venta-Romba, o colega perseguido, João, ele próprio. E sempre - sempre - a punição é gratuita, nascendo daquela desnordeante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno. A consequência natural é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. Inofensivos e, portanto, inúteis. Sonhar, ler, imaginar mundos na escola das baratas (CANDIDO, 2006, p.71-72).

A obra *Angústia* do escritor Graciliano Ramos fora publicada no ano de 1936, época em que o escritor estava preso pelo governo Vargas. A narração de um personagem indefeso nas unhas de um opressor, com constantes recordações doídas causadas por injustiças, a relação do forte sobre o fraco, são relatos da angústia de um preso na própria consciência. Para o crítico, o livro é pessoal, concluindo que, “obedecendo à tendência manifestada em *Angústia*, Graciliano aborda diretamente a sua experiência”. (CANDIDO, 2009, p.69). A superficialidade das relações entre classes sociais e a aversão do personagem se faz presente em todo contexto da obra.

¹ A narrativa rompe amarras com o mundo e se encaminha para o monólogo de tonalidade solipsista. O devaneio assume valor onírico, e o livro parece ao leitor ...as horas de um longo pesadelo (CANDIDO, 2009, p.57)

Nas palavras de Candido (2009), Graciliano Ramos apresenta uma antítese sujeira-limpeza na obra *Memórias do cárcere*, que facilita a compreensão da personalidade de Luís da Silva, como também o desejo de justiça diante de uma sociedade desigual, segundo o crítico,

Poderíamos dizer finalmente que isso tudo se reúne na referida antinomia sujeira-limpeza, que o persegue fisicamente nas Memórias do cárcere e, transposta ao plano moral, é um dos eixos para se compreender em profundidade a personalidade de Luís da Silva. No romance, aparecem libertados os impulsos complementares de abjeção e purificação, que procura superar pela destruição de Julião Tavares - não apenas homem física e moralmente sujo (suado, desonesto), como verdadeira encarnação da ideia de imundície (CANDIDO, 2009, p.61).

A partir das ideias de Candido (2009), expressas na citação, nota-se a analogia entre escritor e personagem. Diante da violência moral narrada através das memórias do escritor, o que foi reprimido e oprimido, surge libertado no personagem Luís da Silva ao destruir Julião Tavares. A obra *Memórias do cárcere* fora publicada postumamente em 1953, o livro narra memórias do horror vivido por Graciliano Ramos enquanto prisioneiro. O escritor não poupa críticas, revelando na obra o terrorismo e as injustiças da ditadura, narrando verdadeiros rituais de torturas próprias de um esquema tirano, como nas citações abaixo:

Tiros, punhaladas, bem: se a vítima conseguia restabelecer-se, era razoável andar de cabeça erguida e até afetar certo orgulho: o perigo vencido, o médico, a farmácia, as vigílias de algum modo a nobilitavam. Mas surra – santo Deus! – era a degradação irremediável. Lembrava o eito, a senzala, o tronco, o feitor, o capitão-de-mato. O relho, a palmatória, sibilando, estalando no silêncio da meia-noite, chumaço de pano sujo na boca de um infeliz, cortando-lhe a respiração. E nenhuma defesa: um infortúnio sucumbido, de músculos relaxados, a vontade suspensa, miserável trapo. Em seguida o aviltamento. É assim na minha terra, especialmente no sertão (RAMOS, 2013b, p.64).

Em horas assim este se encolhe cheio de pavor, agarra-se a ilusões fugitivas, busca imaginar ocorrências vulgares: ida à secretaria, visita inesperada, uma carta improvável. Engana-se voluntariamente, esforça-se por afastar a lembrança das torturas, ali visíveis na pele, desalenta-se ouvindo as sílabas fatais, e a significação delas surge clara: perguntas invariáveis multiplicadas, a exigir denúncias, a teimosia silenciosa do paciente punida com sevícias: golpes de borracha, alicate nas unhas, o fogo do maçarico destruindo carnes (RAMOS, 2013b, p.177).

A crítica ao governo é clara, o escritor equipara o contexto à época da escravidão, o negro era perseguido, capturado e torturado pelo capitão-do-mato a mando dos poderosos, a elite da época. A sensação de medo e opressão - “se

encolhe cheio de pavor” remete à expressão usada por Luís da Silva, “encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente.” (RAMOS, 2013a, p.09). Diante de um contexto de opressão e tortura, a obra suscita um maior olhar para a sociedade brasileira, especialmente para o contexto literário da época. Graciliano Ramos relatou seu próprio cárcere através do personagem Luís da Silva, ao mesmo tempo, a arrogância e a prepotência da sociedade brasileira de então, surge plasmada no personagem Julião Tavares.

Acerca do contexto literário modernista da fase ideológica dos romances de 1930 e, tomando por base de estudos o momento historiográfico que a obra *Angústia* propõe, no contexto econômico, político e social da época, que resultou na chamada “Revolução de 30”, porém considerada por outras vertentes críticas como o golpe de 1930, é relevante adentrar nos postulados e investigações de reconhecidos teóricos como Antonio Candido (2009), Alfredo Bosi (1994), Boris Fausto (1993). Graciliano Ramos, em sua obra, retratou a sociedade brasileira usando sua crítica para generalizar o retrato da nossa nação. A obra agrega ponto de observação com a realidade, possui uma verossimilhança com o contexto político-econômico da atualidade, tornando assim, Graciliano Ramos a grande fortuna crítica da literatura brasileira.

Assim sendo, baseado nessa verossimilhança com a contemporaneidade, é relevante trazer para este estudo a teoria do advogado e sociólogo Jessé Souza e suas obras *A Elite do Atraso, da escravidão à lava jato* (2017) e *A Classe Média no Espelho* (2018). Nas referidas obras, que foram publicadas no contexto da crise político-econômica no Brasil de 2014-2018, Souza aborda a desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo. Por conseguinte, *A Elite do Atraso* e *A Classe Média no Espelho* se aproximam de *Angústia* nesse aspecto teórico, visto que a obra de Graciliano Ramos também fora publicada no contexto da crise político-econômica no Brasil de 1936, ano também do seu cárcere. Desde modo, adentremos na penumbra incitada por Graciliano Ramos em sua obra *Angústia*.

3 GRACILIANO RAMOS, A *ELITE DO ATRASO* E A CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Diante das críticas à sociedade burguesa, caracterizada como a elite da época, observadas na obra *Angústia*, utilizaremos os postulados teóricos de Souza (2017; 2018) para fazermos uma análise entre teoria e obra literária no contexto do golpe de 1930, trazendo análises dos textos das obras. Então, nesse sentido, *A Elite do Atraso da escravidão à lava jato* (2017) e *A classe Média no Espelho* (2018) se aproximam de *Angústia* em alguns aspectos.

3.1 *Angústia* e *A Elite do Atraso*

Souza (2017) explana em sua obra as diferenças entre classes sociais e as divergências de ideias em relação à sociedade. As obras de Graciliano Ramos (1892-1953) incentivam o leitor a refletir, principalmente através das suas personagens e as contraposições existentes na sociedade. Os problemas ratificados pelo escritor em sua narrativa literária, quanto à sociedade da época na obra *Angústia*, nos leva a um questionamento: o presente reflete o passado? No contexto da obra *Angústia* observamos um personagem protagonizando um cárcere interior, um funcionário público, escritor, oprimido pela sociedade burguesa, a elite da época, como é possível observar na narração do personagem principal,

Os olhos estão quase invisíveis por baixo da aba do chapéu, e uma folha da porta oculta-me o corpo. Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem. Perto um capitalista fala muito alto, e os cotovelos sobre o mármore dão-lhe na sala estreita espaço excessivo. No grupo da justiça as palavras tombam medidas, pesadas, e os gestos são lentos. Além dois políticos cochicham e olham para os lados[...] E eu acredito em Moisés, que não escora as suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários. De repente cala-se: foi o doutor chefe de polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. O dedo de Moisés some-se entre as folhas do jornal, o revolucionário esconde-se por detrás do sorriso inexpressivo. Covardia (RAMOS, 2013a, p.25).

Aquele sossego me irritava quase tanto como os derramamentos de Julião Tavares. Afastava-me, sacudia a cabeça para não escutar a conversa, passeava pelo corredor, tossindo, batendo os pés, encaminhando o pensamento para coisas diversas, que se embaralhavam. Muitos crimes depois da revolução de 30. Valeria a pena escrever isto? Impossível, porque eu trabalhava em jornal do governo. Moisés se tinha ausentado: a polícia

incomodava os rapazes que liam livros suspeitos e falavam baixo (RAMOS, 2013a, p. 93-94).

Os trechos transcritos revelam uma divisão de classes na obra, o medo dos “menos favorecidos” de expor suas opiniões, Luís da Silva, de início revela uma certa admiração por Moisés, um crítico que expõe suas opiniões em seus artigos, prega a revolução, mas de repente o vê calar-se diante de cochichos entre o chefe de polícia e os políticos. Assim, silenciado pela sociedade burguesa e pelas autoridades, o revolucionário emudece, esconde-se por trás de um sorriso inexpressivo. O silenciar do funcionário público e escritor que se vê acuado, impedido de exercer seu ofício, expor suas ideias e opiniões, mesmo diante de crimes e não escrever livremente por trabalhar em um jornal do governo.

Para compreender a estrutura da sociedade do século XIX e da elite da época sob o olhar de Graciliano Ramos, busca-se a sua imagem lida na contemporaneidade. Por isso, adentramos e dialogamos com as obras do sociólogo e pesquisador Jessé Souza, que assegura pretender desvelar em seu livro a corrupção real no Brasil, que para o escritor é previamente uma crise de ideias, apresentando ao leitor a verdadeira elite do atraso,

A crise brasileira atual é também e antes de tudo uma crise de ideias. Existem ideias velhas que nos legaram o tema da corrupção na política como nosso grande problema nacional. Isso é falso, embora, como em toda mentira e em toda fraude, tenha seu pequeno grão de verdade. Nossa corrupção real, a grande fraude que impossibilita o resgate do Brasil esquecido e humilhado, está em outro lugar e é construída por outras forças. São essas forças, tornadas invisíveis para melhor exercerem o poder real, que o livro pretende desvelar. Essa é a nossa elite do atraso (SOUZA, 2017, p.10).

O advogado e sociólogo Jessé Souza dirige sua análise à compreensão da sociedade brasileira. Em seu livro *A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato*, lançado em 2017, período da crise político-econômica no Brasil, ocorrido de 2014 a 2018, o sociólogo divide em três eixos temáticos, apresentando tópicos relativamente autônomos. Souza inicia abordando o racismo e a escravidão como nosso berço, expondo as classes sociais do Brasil moderno e discorrendo sobre a corrupção, dividindo-a em “corrupção real e corrupção dos tolos”. O sociólogo busca explicar o Brasil, de forma ousada e contundente, desde o princípio aos dias atuais, e afirma que as ascendências da desigualdade brasileira não estão na herança de

um Estado corrupto, mas na escravidão. Para Souza, a desigualdade brasileira nos dias atuais, não difere do desprezo secular da sociedade do século XIX, segundo o sociólogo, “O Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para formalmente livre, mas manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação” (SOUZA, 2017 p.61), concluindo que,

O que permanece do escravismo é a sub-humanidade cevada e reproduzida, a crença de que existe gente criada para servir outra gente, e se um governo existir para redimi-los deve ser derrubado sob qualquer pretexto de ocasião. É necessário reproduzir uma classe de carentes pela ausência de pressupostos para o sucesso escolar como uma forma de continuar a escravidão com outros meios. Uma raça/classe condenada a serviços brutos e manuais desvalorizados (SOUZA, 2017, p.62).

Diante desta afirmação, observamos que a desigualdade brasileira decorre não só pela má distribuição de renda, mas pela negação de oportunidades aos menos favorecidos, como acesso a educação e a oportunidade de trabalho, acarretando, assim, uma sociedade iníqua e conflitante. Nas palavras de Souza (2017, p.53) “por que existem algumas pessoas com R\$ 500,00 no bolso no fim do mês e outras com R\$ 500 mil ou até R\$ 500 milhões? Como é produzida tamanha diferença? Afinal, ninguém escolhe ganhar R\$ 500,00 se pode aspirar a R\$ 500 mil”. Essa é a legítima divisão de classes, o indivíduo vale pelo que recebe no final do mês, a classe carente que não tem direito à educação, saúde e lazer precisa existir para servir à elite atrasada. Quando surge um governo que demonstra a possibilidade de tornar esses direitos iguais, este é abatido, golpeado a qualquer custo. Essa é a mensagem o Brasil atual: Pobre não tem direito à universidade, o sucesso escolar não pode acontecer, caso contrário a subordinação deixa de existir.

Para Souza (2017, p.64), em uma sociedade dividida pela elite dos proprietários, a classe média, a classe trabalhadora e a ralé dos novos escravos, a classe social mais estratégica para o padrão da dominação social que foi implantado no Brasil é a classe média. A classe trabalhadora sempre foi alvo de desprezo e injustiça, o ódio ao pobre se torna evidente, uma classe condenada a serviços desvalorizados e sem o poder de fala. Jessé escreve:

Mas a chave para a compreensão da iniquidade e vileza singulares da sociedade brasileira é a classe média. É ela que forma um pacto antipopular comandado pela elite dos proprietários, onde se misturam aspectos racionais, como preservação de privilégios, e aspectos irracionais, como necessidades de distinção e ódio e ressentimento de classe. É esse

mecanismo essencial, construído de modo consciente e planejado pelas elites a partir da década de 1930, que explica a recorrente vitória do pacto de classes antipopular do último século (SOUZA, 2017, p.64).

O mesmo ódio covarde devotado ao escravo, não apenas pela exploração do trabalho a preço vil, mas a humilhação diária, o desejo e a alegria com assassinatos e massacres, a recusa de tolerar qualquer melhora nas suas condições. Alguma mudança? Com os trabalhadores, especialmente a partir dos anos 1980, com a fundação do PT, a situação de completa subjugação aos interesses elitistas pôde ser mitigada e contrabalançada em alguma medida. Os trabalhadores e os movimentos sociais das classes populares tiveram um mínimo de poder de fala, se bem que sempre vigiados de perto e expostos ao poder de difamação e distorção sistemática da informação pela grande imprensa (SOUZA, 2017, p.64).

O que notamos nas citações do sociólogo é o relato de uma divisão de classes que se assemelham às elites da década de 1930, a que silencia e a que é silenciada, como, por exemplo, no episódio do livro em que acontece com o personagem Moisés, narrado pelo personagem Luís da Silva:

E eu acredito em Moisés, que não escora as suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários. De repente cala-se: foi o doutor chefe de polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. O dedo de Moisés some-se entre as folhas do jornal, o revolucionário esconde-se por detrás do sorriso inexpressivo. Covardia (RAMOS, 2013a, p.25).

Em um contexto social de tamanha desigualdade, a construção de seres humanos com autoconfiança e autoestima se torna praticamente impossível para os que não têm seu trabalho valorizado. A fundação do Partido dos Trabalhadores-PT em 1980, trouxe uma esperança à classe trabalhadora, a possibilidade do pobre de ter seus direitos trabalhistas reconhecidos, realizar o sonho de ver um filho na faculdade que até então era privilégio apenas da elite. Porém, o poder de fala das classes populares surge anos depois, mas de forma limitada e muitas vezes distorcidas pela grande imprensa e pela sociedade elitista e conservadora.

Dialogando Graciliano Ramos (2013a) com Jessé (2017), através do personagem Luís da Silva, que expressa, de forma clara, a sua rejeição consciente e, ao mesmo tempo, se sente calado e oprimido por uma sociedade burguesa que o ignora e o despreza, percebemos que a sociedade elitista atual não difere da sociedade de 1930, continua a mesma, com o mesmo poder de opressão. Pois, para Luís da Silva, Julião Tavares representa essa sociedade, por quem se sente humilhado e ignorado por sua condição social, expressando sua indignação:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente (RAMOS, 2013a, p.09).

A narrativa do personagem expressa uma fragmentação psicológica, alguém que se encolhe, cola-se às paredes como um rato assustado diante de tipos bestas, considerado por ele, sujeitos remediados, secretários, políticos, como a opressão dos senhores contra os escravos. A crítica presente na literatura brasileira no período do Modernismo era considerada uma arma perigosa na mão dos escritores, resultando no silenciar de um funcionário público e escritor diante de uma sociedade opressora. Na realidade brasileira da época, os “sujeitos remediados” eram considerados a elite que dominava a economia e a política, como também a imprensa. Sobre esse ponto de vista e trazendo para atualidade, Souza (2017, p.97) profere:

A dominação econômica e política precisa dos intelectuais porque a legitimação dos privilégios injustos precisa parecer justa e desejável. A reação da elite paulistana foi estimular a elaboração de um mito nacional concorrente ao de Getúlio e de Gilberto Freyre – e com este objetivo fundou a USP, universidade bancada com o seu dinheiro. Já na década de 1920, a mesma elite havia montado o principal aparato estrutural de dominação ideológica das outras classes, ou seja, a imprensa. Todos os atuais grandes jornais de São Paulo, alguns com outros nomes, mas com os mesmos donos, foram fundados nessa época e até hoje cumprem o mesmo papel de distorcer a realidade em nome dos interesses da elite. Mas a imprensa apenas distribui informações e opiniões. Nenhum jornal ou jornalista cria as ideias que defende. Os bons jornalistas podem se apropriar de uma ideia, o que é louvável, mas a produção de ideias se dá em outro lugar. São os intelectuais que têm o prestígio e a formação para tanto. Daí a importância de entender como as ideias são elaboradas e em função de quais interesses (SOUZA, 2017, p.97).

A citação acima revela a importância do leitor de entender a elaboração das ideias divulgadas pela imprensa, a mídia e os demais meios de comunicação. Souza (2017) atenta para importância de intelectuais para produzir as ideias diante de uma realidade distorcida em nome dos interesses da elite, citando como exemplo a construção da Universidade de São Paulo- USP (1934) pela elite paulistana, onde o acesso era privilégio de poucos, ou seja, a alta classe dominadora, os donos do dinheiro. Mas a construção de uma universidade não era suficiente para elite

paulista, ela tinha que comandar também a imprensa, Souza ilustra essa realidade de forma clara com a citação abaixo:

Não basta construir a universidade mais importante e de mais prestígio, como a elite paulistana criou a USP e as teses do patrimonialismo e populismo. É necessário ter os jornais também nas mãos da elite para reverberar as teorias falsamente críticas para o público indefeso. É preciso ter as editoras de maior nome e influência e o acesso aos financiamentos de pesquisa, aos prêmios, honrarias e mecanismos de consagração intelectual. Assim, é possível usar a posição de proprietária dos meios de produção material para se apropriar dos meios simbólicos de produção e reprodução da sociedade. É aqui que entra o contexto que existe até hoje entre imprensa, universidade, editoras, premiações e honrarias e capital econômico (SOUZA, 2017, p.96).

Diante dos apontamentos de Souza, com relação à elite paulistana em meados de 1930, a mesma tinha como alvo principal o domínio das classes e da imprensa e, assim, transmitir ao público uma realidade distorcida. Souza instiga o leitor a enxergar a manipulação dos meios de comunicação ecoando falsas ideologias para o cidadão vulnerável. Trazendo para a contemporaneidade, para o sociólogo, o mesmo aconteceu no contexto político no ano de 2016, afirmando que,

Nesse sentido, a elite do dinheiro e seus comandados na vida intelectual e na imprensa passam a possuir o coração e a mente da classe média e podem recorrer a esse capital na luta política sempre que necessário. Como as classes populares são menos influenciáveis por esse tipo de mecanismo – protegidas pelo seu racionalismo prático –, a vida política do Brasil, desde então, é dominada por golpes de Estado movidos pela elite do dinheiro, com o apoio da imprensa e da base social da classe média, sempre que a soberania popular ameaçar ou efetivar, por pouco que seja, interesses das classes populares.

Já nos anos 1950, o embate se dá entre a elite do dinheiro aliado à imprensa que ela, elite do dinheiro, não só constituiu materialmente, mas também lhe deu o discurso simbólico que a caracteriza. O embate desigual se deu, já nessa época, como se dá ainda hoje, entre a elite do dinheiro e a fração conservadora dominante na classe média, como sua “base popular”, contra as classes populares e suas lideranças. Todo o esquema que operou no recente “golpeachment” de 2016 já estava armado desde o segundo governo Vargas (SOUZA, 2017, p.82).

A propagação distorcida e ilusória na mídia e no aparelho de Estado em prol da elite do atraso na atualidade não é diferente da propagação na imprensa do século XIX, sempre conduzida pela elite burguesa, tipos carismáticos que conquistam a mente da classe média, no caso do golpe de 30, o movimento político conhecido como tenentismo. Jovens oficiais do exército brasileiro insatisfeitos com a política do Brasil que era dominada pela oligarquia “movimento de oficiais de baixa

patente que ansiavam pela renovação moral do Brasil a partir de cima, pelo Estado reformador” (SOUZA, 2017, p.66). Conforme Fausto (1993, p.87) “O tenentismo da primeira fase pode ser definido como um movimento voltado para o ataque jurídico-político às oligarquias, com um conteúdo centralizador, "elitista", vagamente nacionalista”. Guerreiro Ramos e Hélio Jaguaribe, autores citados por Fausto (1993, p.75) que em suas obras apresentam a noção de que “a Revolução de 1930 foi realizada pelas classes médias; a identidade entre classes médias e tenentismo; a distinção entre revolução efetuada por uma classe e seu posterior ascenso ao poder”. A classe média é representada pelo tenentismo, que entre o grupo havia oficiais que não seguiam a mesma ideologia, aliados à elite do dinheiro. Porém, as classes populares não se deixam conquistar facilmente com falsas ideias, desta forma, tem seus interesses preteridos ao simples sinal de efetivação, reprimidos por golpes de Estado instigados pela elite do dinheiro. A classe média aparece como base social da elite contra as classes populares, caracterizando uma luta desigual.

3.2 Angústia e A Classe Média no Espelho

Ainda recorrendo às contribuições do sociólogo Jessé Souza, faremos apontamentos acerca do livro *A Classe Média no Espelho*, publicado em 2018. A obra traz como tópicos principais: a moralidade da classe média, A construção da classe média brasileira e trajetórias de vida, com entrevistas divididas em: a alta classe média e a massa da classe média. Em sua obra, Souza (2018), faz uma desconstrução das mentiras que acreditamos ao longo da vida, uma suposta autonomia, igualdade e capacidade, de um mundo aberto. Para o escritor, o desejo de sermos vistos como fortes e capazes nos torna vulneráveis, facilitando o domínio do forte sobre fraco. Como aclara o escritor, acreditar nessas mentiras é o que nos torna vassalos de uma ordem social, esse é o preço que pagamos e quem lucra com isso é a alta classe burguesa. Para ilustra isso, Souza afirma com a citação abaixo:

[...] com o intuito de sermos mais domináveis, somos induzidos a nos ver como homens e mulheres excepcionalmente capacitados. Esta é a grande cilada do liberalismo hegemônico, o pressuposto implícito de todas as ciências ensinadas nas universidades. Segundo ele, somos “indivíduos” autônomos e livres, que vivem num mundo transparente e claro. O mundo social está aí para ser conquistado por nós, basta que sejamos disciplinados e diligentes. [...] O motivo é simples: ela estimula nosso narcisismo infantil, ou seja, o desejo de nos vermos como fortes,

inteligentes e poderosos. A felicidade está logo ali na esquina, e depende apenas de nossa vontade livre e autônoma para ser conquistada. O nosso ego é “inflado” por essas concepções que nos atribuem um perfeito controle sobre nós mesmos e nos dizem que sabemos de onde viemos, o que somos e o que queremos. Elas também reforçam a ilusão de que a vida em sociedade, com toda a sua complexidade, é de fácil compreensão. Neste mundo, que nos seria completamente transparente, não existe mistério nem mentira – e querer é poder. Amamos essas mentiras porque nos dão a impressão de que não somos limitados nem estamos submetidos a constrangimentos e impossibilidades. Temos a impressão de que podemos tudo, basta querer (SOUZA, 2018, p.11-12).

Essa suposta utopia destacada no trecho acima torna a humanidade submissa diante de uma classe social determinada, é isso que a elite camuflada faz com a classe média, fazendo acreditar que querer é poder e assim tornando-a mais dominável. Diante dessa reflexão, verificamos os apontamentos de Fausto (1993, p.251) retratando o controle da burguesia de São Paulo dos anos de 1930 em relação a classe média, na época, representada pelo movimento tenentista:

A ausência de uma unificação das classes médias urbanas sob a bandeira tenentista, agravou-se quando os “tenentes” formularam um programa de reformas sociais e abandonaram o velho sonho liberal de simples modificação das instituições políticas. Nos estados mais importantes, os setores médios acompanharam esta evolução e as aspirações liberais-reconstitucionalização, eleições, serviram como instrumento à burguesia de São Paulo para colocar as classes urbanas sob seu controle. E, assim como a pequena burguesia paulista foi a grande responsável pelas manifestações pró Getúlio, na campanha da Aliança Liberal, converteu-se dois anos na alma das manifestações e da revolta armada contra o governo nascido da revolução (FAUSTO, 1993, p.251).

Destarte, trazendo para a nossa análise os trechos dos teóricos supracitados, possibilitando-nos, desse modo, observar que a divisão de classes não é algo somente da atualidade, o poder e o controle da elite sobre os menos beneficiados sempre existiram. A classe média se torna a menos conhecida, pois acredita no pressuposto de igualdade à elite conhecida como a classe dos proprietários. Nessa perspectiva, diante da crença de uma significativa parcela da sociedade, na cilada do liberalismo hegemônico e na suposta autonomia apontada por Souza, essa falsa simetria, o sociólogo traz alguns questionamentos:

O mesmo se dá com a própria ideia de classe social. Como pode existir classe social, se somos todos indivíduos livres, autônomos e poderosos? Admitir que pertencemos a uma classe social é reconhecer que somos “reduzidos” a alguma coisa. Como fica nossa liberdade? E nossa autonomia? Por conta disso, inventou-se uma ideia de classe social que não restringe ninguém, não reduz a liberdade de ninguém nem retira a

autonomia de nenhum indivíduo. E nenhuma classe social é mais escravizada por essas mentiras sociais de liberdade e de autonomia individual do que a classe média (SOUZA, 2018, p.13).

Entre todas as classes sociais, a classe média – assim como a dos excluídos – é também a menos conhecida. Mas isso acontece por razões opostas. Enquanto os excluídos são simplesmente invisibilizados e desprezados, a classe média representa um ideal desejável e de grande força simbólica. Ao contrário da classe dos proprietários – admirada mas sempre suspeita de abuso econômico – e da classe trabalhadora – percebida como grandeza massificada –, a classe média está intimamente associada ao individualismo e à autonomia individual (SOUZA, 2018, p.13).

Souza desperta o leitor a questionar sobre mentiras impostas à sociedade ao longo dos anos, uma eterna escravidão mascarada por uma falsa liberdade, levando-nos a analisar a crítica presente na obra *Angústia*. Graciliano Ramos, em sua obra, apresenta traços de indignação perante a divisão de classes. O sentimento de inferioridade diante da classe dos proprietários, a desvalorização do ser humano, tipos que se aproximam somente na hora da necessidade, a angústia de um escritor, funcionário público de um jornal do governo que não podia colocar no papel suas ideias e sim o que lhe era ordenado, expressando sua indignação, “De que me servia aquela verbiagem? — “Escreva assim, seu Luís.” Seu Luís obedecia. — “Escreva assado, seu Luís.” Seu Luís arrumava no papel as ideias e os interesses dos outros. Que miséria!”. (RAMOS, 2013a, p.141). A decepção do escritor diante do ofício exercido, se perguntado: para que servia sua verborragia, se não podia expressá-la? A frustração do personagem se confunde com o escritor, o personagem se depara com uma sociedade opressora. Graciliano Ramos encontra uma maneira de internalizar através de Luís da Silva sua inquietação quanto a literatura e a exposição de autores da época:

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da rua da Lama (RAMOS, 2013a, p.08).

Essas envolturas entre ficção e memória retratadas em *Angústia* são reflexos tanto do personagem, quanto do escritor expressando suas revoltas diante daqueles que se vendiam ao Governo. Desse modo, a obra é um reflexo do mundo objetivo e

não só de personagens imaginados, mas fragmentos do escritor, lembranças, tribulações pessoais, fatos que fizeram parte da sua vida pessoal, um escritor em um contexto social com necessidade interna de legitimação pessoal e dimensão moral, assim, a obra vai além de ser uma obra de ficção. Souza (2017), traz em sua teoria reflexões quanto a luta política e a imprensa desde os anos de 1930 relacionando com a política e a mídia atual, como aponta o sociólogo,

É interessante notar que a conjuntura de 1930 se manteve, em seus traços mais gerais, pelos quase 100 anos seguintes, o que ajuda a esclarecer os momentos históricos que chegaram ao ponto de ebulição em 1954, em 1964 e em 2016. Por ela se explica, por exemplo, boa parte do arcaísmo e do sentimento de repetição compulsiva que hoje nos aflige na situação social e política atual (SOUZA, 2018, p.89).

A luta política no Brasil até hoje obedece, portanto, ao mesmo esquema desde 1930. Há quase um século, essa é a verdadeira disputa pelo coração e a mente do público, indefeso diante de uma mídia quase sempre corrupta e venal. Quando o dinheiro do mercado se une à imprensa e aos intelectuais cooptados e servis aos poderosos, parte da massa da classe média e os setores populares acabam relegados à raiva pré-política e à indignação desarticulada, as armas frágeis dos oprimidos (SOUZA, 2018, p.108).

A afirmação de Souza possibilita ao leitor observar que mesmo quase 100 anos depois, a política no Brasil não passou por mudanças, ou seja, o contexto da época se assemelha ao atual, visto que o alvo principal continua sendo a mente do público indefeso. A mídia unida a cooptação política manipula o dinheiro do mercado, conseqüentemente as divisões populares acabam sendo deixadas de lado. Souza traz, para nossas reflexões, momentos históricos e políticos que se repetem de maneira cíclica, refletindo na aflição atual do povo brasileiro diante da situação social e política da contemporaneidade. Quanto à classe dos mais necessitados e vulneráveis, Souza é claro e direto, “Os pobres são apenas os excluídos e marginalizados.” (SOUZA, 2018, p.15). Em face do contexto exposto, é possível analisar que o contexto político explanado por Souza, não difere do contexto retratado na obra *Angústia*, obedecendo ao mesmo esquema em que os poderosos são os únicos beneficiados.

Sabendo que, segundo o sociólogo, em termos quantitativos,

A alta classe média é o verdadeiro representante, o real “capataz” que, por delegação, exerce a função de comando da sociedade em todos os níveis, mas em nome de uma ínfima elite de proprietários efetivos. Que esta classe muito bem paga, mas com origem e trajetória de classe típicas da classe

média, se perceba como “elite” faz parte da ilusão objetiva que lhe permite defender tão bem os interesses dos seus patrões. [...] Assim, em termos quantitativos, a massa da classe média perfaz, no máximo – os resultados variam conforme o critério adotado –, 4 entre 15% e cerca de 18% da população brasileira. A alta classe média é bem menor e não inclui, certamente, mais do que 2% da população, sendo a fração de grandes proprietários, a “elite real”, ainda bem menor e mais restrita. Para efeitos de quantificação, sempre meramente aproximativa, parto do pressuposto de que no máximo 20% da população brasileira faz parte da classe média real (SOUZA, 2018, p.19).

A analogia feita pelo ilustre escritor se referindo à alta classe média, como real capataz servindo aos seus patrões, nos leva a concluir que o contexto social atual não difere do contexto do século XIX. Os donos do dinheiro, embora representem uma parcela mínima, governam a sociedade visando somente os seus interesses descartando a classe proletária.

Concordamos com Souza sobre as mentiras impostas à sociedade, a falsa igualdade. Para defender seus interesses, a alta classe média manipula a classe média fazendo-a se sentir como elite, por conseguinte, a mente da classe popular é o alvo principal, pois agrega uma parcela significativa da população brasileira. Como conseguem tal manipulação? Souza (2018) explica:

Os donos do dinheiro e do poder não podem simplesmente dizer ao restante da sociedade: “Nosso intuito é deixar todos vocês, otários, sem propriedade e sem poder, apenas com a roupa do corpo, trabalhando nas condições mais favoráveis para mim.” Não é assim que acontece. Caso contrário, teríamos revolta e revolução. Não há dominação de poucos sobre muitos sem o recurso à mentira e ao engano. Em consequência, a opressão precisa ser moralizada, difundindo-se a ilusão de que o interesse do dominado é levado em conta e, mais importante, convencendo-o de que a própria dominação é para o seu bem (SOUZA, 2018, p.51).

Observamos na citação acima a veracidade da opressão camuflada, a burguesia domina a sociedade, enquanto explora o trabalho da classe popular com a falsa impressão de liberdade, capacidade e autonomia, temendo uma revolução. Diante do contexto exposto, emerge, então, o contexto opressão vivido por Luís da Silva narrado na obra *Angústia*, ao se deparar face a face com uma burguesia a qual ele repudia por se sentir humilhado e oprimido.

3.3 A angústia de um preso na sociedade brasileira dos anos de 1930

Graciliano Ramos retrata em sua obra um personagem imerso em angústia, vivendo um cárcere da própria consciência diante de uma sociedade opressora. Como já afirmamos anteriormente em corroboração com os postulados teóricos de Souza (2017; 2018), as distinções sociais separam a população, legitimando a desigualdade. A elite, a classe do privilégio, domina de forma articulada a classe média que acredita na utopia da equidade, sem perceber que é apenas um escudo usado para suprir as necessidades da alta classe burguesa da sociedade. Angústia, frustração, opressão, humilhação, sentimentos narrados em todo contexto da obra, assim, acatamos a afirmação de Candido ao classificar o livro como sombrio e fuliginoso. Realmente o leitor chega a respirar mal. Apesar de considerar *Angústia* um livro mal escrito, o crítico reconhece que, “dos livros de Graciliano Ramos, *Angústia* é provavelmente o mais lido e citado, pois a maioria da crítica e dos leitores o considera a sua obra-prima (CANDIDO, 2006, p.47). Candido publica em *Ficção e Confissão* uma carta escrita por Graciliano Ramos agradecendo-o pelos artigos dedicados a ele, em um trecho da carta o escritor discorre quanto ao julgamento do crítico em relação à sua obra:

Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de *Angústia*. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece (RAMOS *apud* CANDIDO, 2006, p.10).

O escritor demonstra modéstia quanto à sua obra, concordando com o crítico não se comparando a grandes nomes da literatura e sim a Fabiano, personagem rude e simples castigado pela seca do sertão, da reconhecida obra *Vidas Secas*, publicada em 1938. Em outro trecho da carta o escritor justifica:

Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. Nos longos meses de viagens obrigatórias supus que a polícia me houvesse abafado esse material perigoso. Isto não aconteceu - e o romance foi publicado em agosto. Achava-me então na sala da capela. Não se conferiu a cópia com o original. Imagine (RAMOS *apud* CANDIDO, 2006, p.11).

Graciliano Ramos justifica o motivo que o leva a concordar que o livro fora mal escrito, pois a prisão o impedira de concluir o livro da forma que desejara,

classificando-o como material perigoso e temendo que o mesmo seria abafado pelo sistema opressor do contexto de sua criação. Ao concluir de forma objetiva que a cópia publicada não conferiu com o original, o escritor deixa transparecer seu desencantamento e frustração. O desapontamento se reflete no personagem Luís da Silva, ao se vê incapaz de escrever, se deparando com uma realidade fracassada sem expectativas de progredir financeiramente:

Não consigo escrever. Dinheiro e propriedades, que me dão sempre desejos violentos de mortandade e outras destruições, as duas colunas mal impressas, caixilho, dr. Gouveia, Moisés, homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário, tudo se move na minha cabeça, como um bando de vermes, em cima de uma coisa amarela, gorda e mole que é, reparando-se bem, a cara balofa de Julião Tavares muito aumentada. Essas sombras se arrastam com lentidão viscosa, misturando-se, formando um novelo confuso (RAMOS, 2013a, p.10).

Na citação acima observamos nitidamente que o personagem atribui a sua falta de perspectiva, a confusão interior e sua vida miserável à sociedade burguesa, representada por Julião Tavares, a quem ele mata em um momento de angústia e desespero, assim, matando a burguesia e tudo que o oprime e humilha. O sociólogo faz um elogio à crítica graciliânica, presente na obra *São Bernardo* publicada em 1934, período do Modernismo brasileiro, assim como a obra *Angústia* publicada dois anos depois, narrando um contexto baseado na violência física. Diante do contexto, o sociólogo discorre:

Em termos individuais, a mobilidade ascendente, no entanto, era perfeitamente possível nesse estrato social. Era o que se dava, por exemplo, nas ocasiões em que cumpria eliminar, por meio da violência física, concorrentes de arrivistas e de poderosos já estabelecidos, que recorriam à abundante mão de obra armada de agregados organizados em uma espécie de milícia privada (SOUZA, 2018, p.68).

Talvez seja o escritor Graciliano Ramos quem melhor tenha compreendido essa dinâmica social e seus reflexos nos indivíduos. O romance *São Bernardo* mostra, de forma magistral, o processo de desumanização que um agregado que se torna proprietário de terras tem que realizar num contexto marcado pelo arbítrio e a violência. O assassinato como meio de resolução de conflitos, o confinamento da amizade aos “cabras” e aos dependentes, a incapacidade de expressar afeto que o faz perder a mulher amada, o definhamento de toda dimensão afetiva e sentimental são o corolário do homem de sucesso nesse ambiente. Não conheço crítica mais brilhante a esse contexto perverso de dominação (SOUZA, 2018, p.68).

Contexto considerado pelo sociólogo, perverso de dominação, a desumanização, a falta de afeto e o desejo de resolver os conflitos através da

violência física, são reflexos de uma sociedade opressora que humilha e abate seus adversários a qualquer custo. Graciliano Ramos consegue revelar de forma exímia toda sordidez da burguesia com sua crítica literária, demonstrando como resultado a violência provocada no indivíduo oprimido levando-o a cometer um crime. Obra com características de autoanálise tendo como foco narrativo o monólogo interior² protagonizado por um personagem anulado pela autopunição, a obra revela a angústia de um escritor, preso na sociedade brasileira nos anos de 1930, vítima da opressão. O escritor denuncia com maestria, uma sociedade burguesa capaz de manipular e oprimir, induzindo a história a considerar um golpe como uma revolução.

² Dessas raízes modestas, o devaneio chegará em *Angústia* ao crispado monólogo interior, onde à evocação do passado vem juntar-se uma força de introjeção que atira o acontecimento no moinho da dúvida, da deformação mental, subvertendo o mundo exterior pela criação de um mundo paroxístico e tenebroso, que, de dentro, rói o espírito e as coisas (CANDIDO, 2006, p.27).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a leitura da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, objeto de estudo da presente monografia e, recorrendo a reconhecidos críticos e escritores como Candido (2006), Bosi (1994), Fausto (1993) e outras obras do autor, podemos compreender e analisar o contexto literário da época, tornando evidente a crítica graciliânica presente na narrativa. Constatamos que Graciliano Ramos, na obra, alude temas relacionados a uma realidade do século do contexto de criação de seu livro, o contexto do golpe de 1930, que, através de uma leitura aliada aos postulados teóricos de Souza (2017; 2018) conduziram a uma aproximação de *Angústia* à realidade brasileira contemporânea. O autor de *Vidas Secas* e de *São Bernardo* expõe em *Angústia* um contexto de opressão e tortura psicológica, permitindo ao leitor observar uma analogia entre o personagem narrador e o escritor. A denúncia e crítica à sociedade burguesa que manipula, oprime e comanda a imprensa, a política e as classes dos menos favorecidos, ecoa mesmo com o esmero na escolha das expressões do escritor.

Consideramos que através da obra *Angústia*, despontando a crítica do célebre escritor e corroborando com críticos literários, conseguimos evidenciar um contexto social, político e econômico dominado pela alta classe média, os verdadeiros donos do dinheiro e do poder dos anos de 1930 à contemporaneidade. Em anuência com o sociólogo Jessé Souza (2017; 2018), o golpe de 1930 não difere do golpe de 2016, visto que os contextos sociais, políticos e econômicos não diferem. A classe média continua servindo como escudo “o capataz” comandada pela elite e ainda acredita pertencer a mesma classe, à elite, enquanto a classe baixa continua prisioneira servindo aos poderosos “os senhores”, eternos escravos sem direito a dignidade. A mídia atual também não difere da imprensa manipuladora da época, publicando o que era imposto pelos donos do dinheiro, como a chamada “Revolução de 30”, porém, nessa monografia, corroborando com trechos de críticos e escritores conceituados, apresentada como: o golpe de 1930.

Diante das considerações apontadas, constatamos que a obra *Angústia* é de cunho autobiográfico, apresentando em sua narrativa a angústia não só do personagem Luís da Silva, mas também do escritor Graciliano Ramos, preso injustamente, privado de expor suas ideias diante de um governo opressor, mas que

denuncia com sua crítica graciliânica presente na obra, o golpe de 1930 e as práticas burguesas de então.

Em suma, pudemos revelar que a presente pesquisa sobre o contexto político e econômico da sociedade brasileira do século modernista dos anos de 1930 aos dias atuais, contribuiu para o nosso crescimento intelectual, levando-nos a refletir diante de uma sociedade díspar: de um lado a classe que oprime e manipula, do outro, a classe que, mesmo após mais de um século da abolição da escravatura permanece, mais ainda, com suas sequelas e atrocidades.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: Ensaio Sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 30*. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RAMOS, Graciliano (org.). *Angústia*. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013a.

RAMOS, Graciliano (org.). *Memórias do Cárcere*. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013b.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013c.

SANTOS, Robson dos. SOCIEDADE E LITERATURA NO ROMANCE ANGÚSTIA DE GRACILIANO RAMOS. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 133-141, 2004.

SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. *A Classe Média no Espelho*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.